

USOS DOS QUADRINHOS EM ESCOLAS PÚBLICAS: UM OLHAR PEDAGÓGICO EM UM UNIVERSO CARTUNIZADO

Edimar Filho de Sousa Nunes
Robson Carlos da Silva
Cândida Angélica Pereira Moura
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

RESUMO

O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa acerca da utilização das Histórias em Quadrinhos (HQ) no Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano e sua importância educacional. O estudo, ancorado em método exploratório e de natureza qualitativa, se consolidou por meio de uma pesquisa de campo, pela escuta e registro da oralidade dos sujeitos eleitos, referenciada por um estudo bibliográfico, por meio da imersão em obras sobre o tema, em blogs e sites especializados, Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e no Guia Nacional do Livro Didático. A investigação foi realizada em cinco escolas públicas municipais de Ensino Fundamental em Teresina/PI, buscando desvelar como os professores utilizam as HQ em suas aulas, suas concepções de HQ e a formação que possuem sobre esse universo, sendo entrevistadas cinco professoras e dois autores que investigam e produzem acerca das interfaces entre HQ e a educação escolar. Os resultados apontam para o entendimento de que as professoras, personagens do estudo, demonstram consciência do poder lúdico, cognitivo e da diversidade que as HQ possuem, porém se limitando ao uso títulos massificados pela mídia e inseridos nos livros didáticos que adotam em suas disciplinas.

palavras-chave: Histórias em quadrinhos; Ensino Fundamental; Instituições Escolares; Recurso didático-pedagógico.

USES OF COMICS IN PUBLIC SCHOOLS: AN EDUCATIONAL LOOK IN A CARTOON UNIVERSE

ABSTRACT

The article presents the results of a survey on the use of Comics in Elementary Education from 1st to 5th grade and their educational importance. The study, anchored in exploratory method and qualitative nature, consolidated by means of a field survey, by the listening and register of the orality of the chosen subjects, referenced by a bibliographic study, by immersion in works on the subject, in blogs and In specialized sites, National Curriculum Standards for Elementary Education and the National Textbook Guide. The research was conducted in five public schools of elementary education in Teresina/PI, Seeking to uncover how teachers use the comics in their classes, their conceptions of comics and the formation that they have on this universe, being interviewed five teachers and two authors who research and produce about interfaces between comics and the school education. The results point to the understanding that teachers, characters of the study, show awareness of the ludic, cognitive power and the diversity that the comics have, however limiting yourself by the use of mass market titles of the media inserted in textbooks that they adopt in their disciplines.

Keywords: Comics; Elementary School; School institutions; Didactic and pedagogical resource.

Introdução

As Histórias em Quadrinhos, popularmente conhecidas como HQ, como doravante passaremos a utilizar nesse artigo, podem ser facilmente encontradas nos livros didáticos que são adotados nas escolas de nível infantil, fundamental e médio, despertando a atenção do leitor com a significativa qualidade dos desenhos, cores fortes, diálogos simples, ou mesmo quando não possuem palavra alguma, deixando ao leitor a liberdade para chegar a suas próprias conclusões, além disso, podem ser tomadas enquanto instrumento educativo capaz de despertar certo grau de criticidade em seus leitores.

Para Cirne (1982), os quadrinhos podem ser usados para abordar diversas temáticas, temas políticos, religiosos e de cunho social. Entretanto, são muitos os problemas que acoçam os quadrinhos e as pessoas que os produzem. Porém, se estes problemas são colocados, provavelmente é porque existam condições concretas para resolvê-los, ou ainda que não se consiga encontrar soluções, certamente estaria criada a oportunidade de colocá-los como ponto de discussão para a sociedade.

Mas o que são “quadrinhos”? Ou o que vem a ser HQ? Tomando Cirne (2000) e Luyten (1985) como referências, quadrinho pode ser entendido como uma narrativa gráfico-visual impulsionada por sucessivos cortes, que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas ou pintadas, recebendo a denominação de “corte gráfico” e sempre se constituindo em local de um recorte espaço-temporal a ser preenchido pelo imaginário do leitor. Já o termo “HQ”, como o nome sugere, representa uma determinada história, real ou não, que é contada a partir da linguagem gráfico-visual.

Por sua vez, Calazans (2004), afirma que, dependendo da pedagogia, podem haver resistências à possibilidade de se aprender com métodos alternativos de leitura, sendo necessário recordar que o uso em classe dos quadrinhos é recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

As HQ, de modo geral, podem romper os esquemas da cultura de massa, visto que, com sua linguagem bastante peculiar, acionam codificações precisas, porém abertas à intervenção poética, exigindo, desse modo, respostas possivelmente permeadas de críticas, o que pode ter contribuído para o surgimento de literatura dedicada exclusivamente ao estudo dessas obras, inclusive diminuindo consideravelmente boa parte do preconceito que vigorou em relação aos quadrinhos.

Partindo do entendimento de que seu poder de comunicação é inegável e que nos dias atuais, fruto de pesquisas acadêmico-científicas que as tomam como objeto de estudo, já se tornou frequente sua presença nos currículos escolares, acreditamos que as HQ sirvam perfeitamente enquanto material didático e se configurem numa alternativa interessante às atividades pedagógicas. É importante ressaltar que, por se tratar de um produto difundido largamente na indústria cultural, os quadrinhos acabam por influenciar a formação e a educação de crianças, jovens e, notadamente, adultos. (VERGUEIRO; RAMOS, 2013)

Assim sendo, as possibilidades de desvelar as interfaces, a ligação existente e os usos possíveis das HQ na educação, em especial a educação escolar, nos impulsionou a desenhar e executar uma pesquisa, que serviu de base para a construção da monografia de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí/UESPI, no ano de 2012, que versou sobre os desafios, notadamente de professores, no trabalho com os quadrinhos, no intuito de ampliar as reflexões sobre essa temática e compreender as abordagens e práticas que possam ser aprofundadas nos contextos escolares, de forma a

contribuir, não somente na formação dos alunos, mas na formação de novos leitores dessa arte seqüencial.

Diante do exposto, e a partir da proposição do problema “Como o quadrinho é utilizado como instrumento facilitador de aprendizagem nos livros didáticos de Ensino Fundamental?”, o texto se propõe, inicialmente, a efetivar um apanhado histórico das HQ e abordar a importância do quadrinho na educação como meio didático, a partir do que existe referenciado no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e nas narrativas de especialistas que trabalham com a pesquisa e a produção de HQ, descrevendo o processo de produção, análise e interpretação dos dados obtidos com professoras de escolas públicas, dados estes que, cientes das devidas limitações, revelam pistas para entendermos como os quadrinhos são utilizados enquanto instrumento facilitador de aprendizagem nos livros didáticos de Ensino Fundamental em escolas públicas de Teresina/PI, suas possibilidades, perspectivas, avanços e retrocessos.

Um histórico das HQ no mundo

O uso das HQ nas diversas formas de mídias não é recente, já que possui um lugar fundamental no amplo contexto das culturas alternativas que se formaram desde 1930 até a atualidade. Assim como o cinema, as HQ são formas de expressões tecnológicas típicas da indústria cultural que não encontram resistência ao se infiltrar no dia-a-dia de jovens e adultos, acima de tudo, por se tratar de uma linguagem com conotação afetiva e de fácil compreensão pelos leitores. (MCCLLOUD, 1995; SALEM, 1995).

Em diversos países, o quadrinho recebe outras denominações, sem perder seu significado e suas características tão peculiares, como por exemplo, *strip comics*, nos Estados Unidos; *bande dessinée*, na França e na Bélgica; *banda desenhada* ou *história aos quadrinhos* em Portugal; *fumetti*, na Itália; *mangá*, no Japão; e *Gibi*, no Brasil. (VERGUEIRO; RAMOS, 2013; LUYTEN, 1985).

O dia 30 de janeiro de 1879 é considerado como a data da publicação da primeira HQ no Brasil, de autoria do cartunista Ângelo Agostini, com o personagem Nhô Quim, dentro da revista Vida Fluminense. As histórias de Agostini não continham balões com legendas iguais as que lemos atualmente, pois eram narradas em uma sequência de imagens. A história das HQ no Brasil tem como principal protagonista o jornalista Roberto Marinho (1904-2003), que lançou diversos títulos e conquistou a fidelidade do público infanto-juvenil para os gibis, se mantendo como um dos grandes editores de quadrinhos no país. (CALAZANS, 1997).

Assim como ele, outros nomes se tornaram defensores convictos das HQ, dentre os quais Adolfo Aizen (1907-1991), que fundou, em 1945, a Editora Brasil América (EBAL), publicando vários títulos e se tornando líder no mercado de quadrinhos durante muito tempo; Victor Cívita (1907-1990), editor de Walt Disney no Brasil pela Editora Abril; e Assis Chateaubriand (1892-1968), com diversas publicações através dos Diários Associados, contribuindo com a fundação da televisão no país. Esses quatro editores concorreram entre si na disputa do mercado, mas juntos combateram a intensa campanha difamatória que sofriam as HQ, orquestrada por moralistas com apoio de setores da imprensa da época, que enxergavam grandes malefícios na leitura do gênero.

A primeira revista em quadrinhos a circular no Brasil foi “O Tico-Tico”, que começou a ser publicada em 1905 pela editora “O Malho”, do jornalista Luís Bartolomeu de Sousa e Silva, tentando acompanhar o grande sucesso das publicações do gênero na

Europa, bem assim pelos suplementos dominicais de HQ que saíam acompanhando os jornais nos Estados Unidos. “O Tico-Tico” continuou em circulação até meados de 1960.

A censura aos quadrinhos começou no final da década de 1930, na Itália, quando o líder fascista Benito Mussolini proibiu a entrada de quadrinhos oriundos dos Estados Unidos, o que gerou posturas agressivas e contrárias em várias partes do mundo. No Brasil, representantes da sociedade civil, tais como, padres, educadores, intelectuais e outros, passaram a atacar publicamente as HQ através de artigos publicados abertamente na imprensa geral da época, alertando sobre o "perigo" que os gibis representavam. (GUIMARÃES, 2005; JONES, 2006).

Entre alguns absurdos, diziam que as HQ diminuía o rendimento escolar, ofereciam maus exemplos, estimulavam a violência, ou seja, influenciavam de modo negativo a juventude. Houveram até ideias defendidas por psiquiatras norte-americanos de que esta arte gráfica estimulava e levava ao crime, à violação da lei, à prostituição e ao homossexualismo.

Um dos mais famosos exemplos de literatura contrária aos quadrinhos é o livro "Sedução dos Inocentes", publicado na década de 1940 pelo Dr. Frederic Wertham, alemão naturalizado norte americano, o qual se mostra muito parcial em suas críticas, construindo pareceres tenazmente perniciosos às HQ. Assentado nos atendimentos que fazia com jovens problemáticos, Wertham passou a publicar artigos em jornais e revistas especializadas, ministrar palestras em escolas e a participar de programas de rádio e televisão nos quais sempre salientava os aspectos negativos dos quadrinhos e o caráter pernicioso de sua leitura. (JONES, 2006)

Algumas das teses defendidas pelo livro abordavam a suposta relação homossexual da dupla Batman e Robin, supondo que as crianças e adolescentes que lessem estas histórias podiam exponencialmente virar homossexuais, ou mesmo que o contato prolongado com as histórias do Super-Homem, Superman no original, poderiam fazer com que os leitores se atirassem pela janela de seus apartamentos, buscando imitar o herói. Acreditamos que outros psicólogos, seguindo como exemplo as teses de Wertham, absurdas para o nosso tempo, passaram a incriminar outros tipos de entretenimento, como o *Role Playing Game* (RPG) e jogos de *video game*, pelas mesmas razões.

Foi a partir dessa onda de revolta organizada por alguns setores dominantes na sociedade na época contra as HQ, incluindo listas de títulos proibidos, gibis queimados em praça pública, títulos que abrangiam desde revistas de fofocas e bastidores do rádio ou do cinema proibidos para algumas camadas sociais que, ironicamente, os quadrinhos acabaram por se tornar a cartilha de “bê-á-bá” para muita gente, embora não fossem plenamente aceitos na escola.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a discriminação que os *comics* enfrentavam era tamanha que os autores tinham que cumprir um código de ética: os quadrinhos não deveriam conter palavrões explícitos e, caso houvessem, deveriam ser substituídos por sinais convencionais; não deveriam, de forma alguma, ofender nenhum leitor; não conter sugestões de imoralidade; evitar controvérsias entre quaisquer assuntos referentes à religião, etnia ou política; evitar cenas de violência contra a mulher, contra animais ou crianças; e não fazer apologia ou mesmo incentivar a prática de atos criminosos. Caso fossem identificadas tais práticas nas histórias, os responsáveis deveriam ser punidos, em um exemplo clássico do “bem vencendo o mal”.

Porém, de certo modo, os feitos orquestrados pelos *Syndicates* norte-americanos serviram mais ainda para impulsionar o cenário das HQ do que o diminuir. Isso se refletiu principalmente no Brasil, em que a mais de 60 anos os quadrinhos americanos dominam o mercado, com as histórias chegando prontas, acabadas, indo pra impressão rapidamente e por um preço muito baixo, o que, por esses e outros motivos, acaba não acontecendo com os artistas nacionais, desvalorizando o seu trabalho. Esse fato já era sentido na Europa durante a década de 1930, quando países como Itália e França chegaram a proibir a entrada de HQ norte-americanas em seus mercados, pois segundo os críticos mais rígidos da época, eles inibiam a criatividade dos artistas locais.

Na década de 1940 que começaram a surgir as primeiras revistas com HQ criadas e desenhadas por autores brasileiros, mas nelas se nota claramente a influência de modelos estrangeiros, principalmente norte-americanos. Uma inovação nessa década foi a adaptação de obras clássicas da literatura brasileira, feitas pela Editora EBAL com a obra Edições Maravilhosas. No entanto, somente em 1960 é que algo genuinamente nacional invade o mercado até então dominado por obras e adaptações norte-americanas: Ziraldo cria o Pererê, cuja figura central é o saci, personagem típica do nosso folclore. Além disso, Ziraldo retrata costumes brasileiros típicos através de suas propostas temáticas, do enredo e da ambientação de suas histórias. (GUIMARÃES, 2005; CALAZANS, 1997).

Digno de nota é que Ziraldo Alves Pinto pode ser considerado um dos maiores contribuintes para a HQ no Brasil, pois com seu espírito inovador e sua trajetória como cartunista, jornalista, editor e artista inquieto criou e dirigiu revistas voltadas para o público infantil (A Turma do Pererê, O Menino Maluquinho, Uma Professora muito Maluquinha, dentre outras publicações), como para o público adulto (a revista Bundas, com a primeira edição publicada em 1999, porém com pouco tempo de circulação, e o folhetim O Pasquim, que era um tablóide de oposição ao regime militar).

Nessa mesma década surgem Os Fraldinhas criado por Henfil, tendo por marco a crítica social e política. Finalmente, Maurício de Sousa passa a publicar, na década de 1970, as revistas da Turma da Mônica que, em 1982, passaria a ser um dos primeiros desenhos animados brasileiros de longa metragem.

Outros autores brasileiros que também contribuíram com o desenvolvimento do cenário dos quadrinhos no Brasil foram Glauco (Geraldão); Laerte (Os piratas do Tietê); Angeli (Chiclete com Banana, Bob Cuspe e Os Skrotinhos); Millôr Fernandes, um dos responsáveis pela revista Pif-Paf, que só durou oito edições, e também contribuiu com o folhetim O Pasquim, além de escrever vários artigos para a revista Veja; Miguel Paiva, com Radical Chic e Gatão de meia idade; Luís Fernando Veríssimo e os irmãos gêmeos Paulo Caruso e Chico Caruso, com Avenida Brasil.

Na década de 1990, os quadrinhos nacionais ganharam impulso com a realização de duas edições da Bienal dos Quadrinhos, realizadas em 1991 e 1993 no Rio de Janeiro, tendo sua terceira edição realizada em 1997, dessa vez em Minas Gerais. Em 1999, ocorre a primeira Feira Internacional de Quadrinhos, substituindo a Bienal, na cidade de Belo Horizonte, recebendo e homenageando pessoas do presente e do passado envolvidos com as HQ, bem como de países onde o quadrinho tem forte reflexo na sua cultura.

A partir do ano de 2007 os quadrinhos se transformaram em política de governo, quando 14 obras constavam no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Atualmente esse programa já conta com mais de quinhentos quadrinhos cadastrados, demonstrando que as HQ tem conseguido romper barreiras do preconceito social que

sempre as cercaram e conquistaram de vez o livro didático e a sala de aula, sendo um dos recursos mais utilizados pelos autores para explorar e melhorar a aprendizagem dos mais diversos conteúdos.

Do mesmo modo, são produzidos livros didáticos inteiramente com o formato e a linguagem dos quadrinhos por várias editoras, como, por exemplo, a Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos (Escala Educacional), que traz obras como *O Alienista*, de Machado de Assis, *O triste fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto, *Memórias de um Sargento de milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, dentre outras.

Mas as HQ não ficam apenas no gibi ou na folha de um jornal. Com o advento da Internet e suas redes sociais (*Facebook, Orkut, Tumblr, Twitter* e outras), o que se observa é o constante crescimento dos quadrinhos, seja com as publicações mais atuais de grandes artistas (Angeli, Mauricio de Sousa, Adão Iturrugarai, Nani, Ziraldo), seja com criações de anônimos virtuais, tendo como um bom exemplo o *site Mememaker*, onde os visitantes sem nenhum conhecimento sobre como se produz uma tirinha ou até mesmo sem saber desenhar podem criar suas próprias tirinhas e publicar na internet sobre qualquer assunto que lhe interessar.

Na sequência apresentamos aspectos a respeito do uso das HQ enquanto ferramenta didática de ensino em livros didáticos.

O Livro didático e a HQ como ferramenta didático-pedagógica na escola

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileiro e se iniciou em 1929, se estendendo até os dias atuais. Até 1995 a entrega era limitada a poucas séries e não tinha regularidade, sendo essa uma das principais razões da suspensão de parte do programa durante o governo Collor no início da década de 1990. Atualmente, atende cerca de 35 milhões de estudantes de escolas públicas, do Ensino Fundamental ao Ensino Médio. Todos os estados são atendidos, com exceção de São Paulo, que executa seu programa de forma autônoma.

O PNLD tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. Após a avaliação das obras, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publica o Guia de Livros Didáticos com resenhas das coleções consideradas aprovadas. O guia é encaminhado às escolas, que escolhem, dentre os títulos disponíveis, aqueles que melhor atendam ao seu Projeto Pedagógico. O programa é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, sendo que, à exceção dos livros consumíveis, deverão ser conservados e devolvidos para utilização por outros alunos nos anos subsequentes.

No que diz respeito ao livro didático, o PNLD (2010) enfatiza que,

Para que suas possibilidades sejam aproveitadas ao máximo, o livro didático deve estar adequado às necessidades da escola, do professor e do aluno, portanto, sua escolha deve ser pautada, entre outros fatores, no Projeto Político Pedagógico da escola, na realidade sociocultural onde a escola está inserida e nas experiências prévias dos professores com títulos anteriores (PNLD, 2010, p. 11).

Não existe, no Guia citado, uma menção direta às HQ, mas como se trata de um gênero textual, entendemos que esteja envolvido na expressão “entre outros”, na recomendação de se observar a densidade de textos e o número de ilustrações por página, para que a criança não se sobrecarregue mentalmente ao observar as imagens, nem esquecer o que realmente deve ser aprendido.

Contemplando esse aspecto, e tomando como exemplo os livros de Língua Portuguesa e a Matemática, percebemos que o Guia do Livro Didático para a Língua Portuguesa (2010) coloca como um dos objetivos centrais para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental o “desenvolvimento de atitudes e capacidades envolvidas na compreensão da **variação linguística e no convívio com a diversidade dialetal**, de forma a evitar o preconceito e a **valorizar as diferentes possibilidades de expressão lingüística**” (2010, p.18, grifos nossos). No ensino de Matemática, o uso das HQ abre uma perspectiva de contextualização do conhecimento adquirido em sala de aula, devendo superar a aprendizagem centrada em procedimentos mecânicos, repetitivos e pouco diversificados.

Embora não seja uma unanimidade, alguns autores preferem utilizar linguagens textuais diferentes em cada ano das séries iniciais do Ensino Fundamental, por exemplo, na Coleção Aprendendo Sempre (Editora Ática), o uso de HQ como recurso didático ocorre nos livros de 3º Ano, em que temas como meios de transportes, alimentação e espaço-tempo são abordados.

Luyten (1989), defende a ideia de que nas disciplinas de História e Geografia, se o uso de HQ for mal utilizado, estas histórias podem transmitir figuras deturpadas, gerar estereótipos, conotações ideológicas, ou seja, interpretações errôneas dos acontecimentos, em que o aluno poderá levar muito tempo para se desfazer de uma imagem negativa sobre um determinado assunto e dissociá-la do conteúdo veiculado conjuntamente.

À primeira vista a leitura de HQ pode parecer uma atividade muito simples, que qualquer criança pode fazer; no entanto, para que a compreensão desta manifestação artística seja possível, é preciso identificar os elementos pertinentes à sua linguagem gráfica, visto que, das charges políticas e ilustrações sequenciadas editadas em jornais, passando pelas histórias em estampas (muito populares no século XIX), até as tiras, suplementos dominicais, revistas e álbuns de quadrinhos e as *graphic-novels* mais recentes, os quadrinistas foram criando e incorporando novos códigos ao sistema de significação da HQ.

Abrahão (APUD MOYA, 1977), defende que, ao lado da instrução formal, rígida, há um aprendizado indireto, que permite a aquisição de conhecimento e que pode ser realizado concomitantemente à instrução direta, a partir do que, ressalta o valor das HQ enquanto veículo de aprendizagem para as crianças, visto que, em especial pelo emprego de temas e conceitos diversos, carrega consigo uma significativa finalidade educativa, contribuindo para o desenvolvimento dos processos mentais e do interesse pela leitura.

Devido a grande variedade de títulos e publicações de HQ existentes no mercado, o professor não pode simplesmente escolher uma história a ser aplicada em sala de aula de modo aleatório. Precisa, acima de tudo, as escolher de acordo com os objetivos que pretende alcançar e as habilidades, conhecimento e competências a serem desenvolvidas pelos alunos, buscando a integração do quadrinho com outras formas de comunicação, tais

como, cinema, rádio, televisão e jornais, tratando-as como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos alunos.

Vergueiro e Ramos (2013), salientam alguns fatores que podem ajudar na escolha de HQ para serem trabalhadas em sala de aula, como a falta de erros gramaticais no texto, temas capazes de despertar e manter o interesse do grupo, histórias que correspondam às necessidades da disciplina a ser ensinada, material de qualidade gráfica adequado ao uso pretendido, bem como outros aspectos que o professor considerar importante para sua disciplina, sendo importante que tenha familiaridade com o meio, conhecendo os principais aspectos de sua linguagem e os recursos que ela dispõe para a representação no imaginário dos alunos.

Um dos principais fatores que propiciaram a inclusão dessa arte nos livros didáticos na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental, além da sua linguagem própria, apoiada em seu código escrito e gráfico, é a facilidade encontrada pelas crianças em desenvolver vários significados a partir da mesma situação ilustrada em uma tira ou em uma HQ completa, principalmente nas que não possuem quadros de fala, como as histórias do personagem Horácio, de Mauricio de Sousa.

As HQ desenvolvem uma narrativa que pode obedecer a ritmos diferentes de ação e disposição na página, proporcionando ao leitor lidar com a palavra e a ação ao mesmo tempo. Com a exposição contínua desse tipo de leitura à criança, não se torna difícil fazê-la passar para outros estágios de leitura, como jornais ou livros.

Muitos são os motivos para utilizar os quadrinhos como ferramenta didático-pedagógica de ensino: primeiramente, como já foi abordado no texto, o aluno se atrai facilmente a este tipo de leitura; partindo desse princípio, e ancorado na metodologia aplicada pelo professor, pode-se trabalhar na conjunção de palavras e imagens, aumentar o nível de informação e consciência crítica, o auxílio no desenvolvimento ao hábito de leitura regular e a ampliação de vocabulário.

Proceder a análise de HQ coletivamente, em sala de aula ou na comunidade, além de ser um exercício prazeroso e instigante, também contribui para aguçar o espírito crítico de alunos e professores. O professor pode, ainda, fazer com que os alunos criem suas próprias HQ, sobre um determinado tema, usando para isso uma história com os balões de fala em branco. Os limites do emprego das HQs em sala de aula são os limites da criatividade de cada professor (CALAZANS, 2004).

Fundamentos e procedimentos metodológicos da pesquisa

Para a concretização deste trabalho, desenvolvemos uma pesquisa de cunho exploratório, metodologicamente mais adequada para o atingimento dos objetivos propostos e das respostas buscadas, de modo que a investigação pudesse dispor de uma maior compreensão e precisão em seu desenvolvimento.

A pesquisa, de natureza qualitativa, por se tratar de uma investigação que trabalha com valores, ideias, concepções e entendimentos das pessoas envolvidas, primeiramente, envolveu um levantamento bibliográfico, mesmo na ausência de uma literatura vasta que desse conta da temática, o que gerou algumas dificuldades no aprofundamento das questões abordadas durante a realização do trabalho, exigindo o emprego de outros referenciais, tais como as narrativas orais de profissionais que se debruçam, investigam e produzem sobre o tema.

Por sua vez, a pesquisa exploratória se constituiu em um método privilegiado para a investigação sobre um problema ou questão de pesquisa que possui poucos estudos anteriores, sendo este o caso de investigações sobre o uso das HQ em sala de aula. O objetivo desse tipo de estudo é procurar padrões a respeito do tema que se pretende aprofundar e melhor compreender. A ideia não é testar ou confirmar uma determinada hipótese, mas sim avaliar quais teorias, entendimentos, concepções ou conceitos existentes podem ser aplicados a um determinado problema ou se novas teorias e conceitos devam ser desenvolvidos.

Em seguida, um trabalho de campo foi efetivado a partir de coleta de dados através da metodologia de entrevistas orientadas por um roteiro com questões abertas, que serviram para conduzir o diálogo entre o pesquisador e os sujeitos, favorecendo maior liberdade para que estes pudessem melhor expressar suas ideias.

Nos ancoramos nas ideias de Rosa e Arnoldi (2006, p. 17), quando defendem ser a entrevista “[...] uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa”, estruturada de forma assistemática, assentada na solicitação de respostas espontâneas e não dirigidas, com questões abertas, possibilitando aos entrevistados falarem livremente sobre a temática proposta.

Por outro lado, estabelecemos um diálogo com Alessandro Portelli, o que nos permitiu abordar o trabalho com entrevistas como arte de escutar, compreendendo que se trata de um processo de “entre/vista”, ou seja, da troca de olhares:

[...] relação entre a pessoa entrevistada e a pessoa que entrevista (diálogo); a relação entre o presente sobre o qual se fala e o passado do qual se fala (memória); a relação entre o público e o privado, a autobiografia e a história; a relação entre oralidade (da fonte) e escrita do historiador. (PORTELLI, 2010, p. 3).

Para registro das entrevistas, como toda pesquisa de cunho exploratório requer, foi utilizado um gravador digital, bem como um diário de campo, que serviu como ferramenta de registro das informações fundamentais, das observações efetivadas nos momentos das entrevistas, anotando cada etapa percorrida, cada obstáculo, assim como as situações peculiares e diversas, visto que as entrevistas realizadas não foram “[...] isoladas, nem independentes da situação de pesquisa.” (BEAUD; WEBER, 2007, p.118).

O universo da pesquisa se constituiu por cinco escolas públicas municipais de Ensino Fundamental de Teresina/PI, escolhidas a partir da ideia de se trabalhar com uma escola de cada Zona da cidade, sendo uma na Zona Norte, uma na Zona Sudeste, uma na Zona Leste e duas da Zona Sul. Durante as visitas, buscamos observar se a escola possuía acervo bibliográfico em quadrinhos, o que incluía desde gibis educativos, até obras literárias completas nesta linguagem.

As escolas/campo do estudo, as quais, no intuito de resguardar a identidade das pessoas e das instituições envolvidas, serão identificadas pela zona da cidade na qual estão localizadas, apresentam características aproximadas em relação ao acesso e ao tratamento dispensado aos quadrinhos.

A Escola Zona Sul[1] não possui uma sala exclusiva para a Biblioteca, sendo que os livros didáticos que a escola utiliza com os alunos são armazenados em uma sala

conhecida como “Sala de Leitura”. A escola tem a sua disposição vários gibis educativos, porém não é contemplada com nenhuma obra literária em quadrinhos.

A Escola Zona Sul[2] possui uma grande e extensa biblioteca, com obras literárias apropriadas ao Ensino Fundamental quanto ao Ensino Superior, como por exemplo, obras de Jean Jacques Rousseau e Paulo Freire. Foi a única das escolas pesquisadas que informou possuir obras da literatura brasileira em quadrinhos, predominando as HQ de adaptação de obras literárias nacionais. A direção da escola e funcionários da biblioteca informaram que receberam livros do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE).

A Escola Zona Sudeste não tem uma sala própria para a Biblioteca, porém os livros são armazenados em corredores que ficam entre a sala dos professores e as dependências administrativas da escola. A escola possui uma sala própria para os alunos realizarem atividades de leitura, a “Sala de Leitura”, porém, na maior parte do tempo, esta permanece fechada, sendo aberta para acesso, somente por meio de solicitação prévia dos professores. Os alunos e professores tem a sua disposição vários gibis educativos, dentre os quais, materiais distribuídos pela própria Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), mas não são contemplados com nenhuma obra literária em quadrinhos.

Escola Zona Norte possui uma grande biblioteca com livros direcionados para o Ensino Fundamental, contemplada pelos recursos do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e pelo Programa Nacional do Livro Didático. Apesar da grande quantidade de livros que a escola disponibiliza, não há sequer uma obra adaptada para a linguagem dos quadrinhos. Os funcionários da biblioteca informaram que não há envio para a escola desse tipo de literatura, porém a coordenação pedagógica informou que o quadrinho é trabalhado com os alunos pelos professores, e quando isso acontece os materiais são oriundos de recursos próprios dos professores ou de doações.

A Escola Zona Leste não possui uma biblioteca, não sendo contemplada pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). Para realizar atividades de leitura, os alunos e professores desta escola tem a sua disposição uma Sala de Leitura, com livros didáticos e literários a disposição da clientela atendida pela escola. A coordenação pedagógica informou que não há literatura em quadrinhos disponível para a escola, embora em seu planejamento curricular existam atividades explícitas com esta linguagem, que levam entre uma semana e um para serem realizadas. Quando estas atividades ocorrem, os professores utilizam revistas em quadrinhos doadas por eles mesmos ou por pessoas ligadas à direção escolar.

As escolas/campo são desenhadas arquitetonicamente de forma bastante semelhante, dado a unicidade de modelo adotado na construção das escolas públicas. Apresentam salas de aula amplas, com boa ventilação, iluminação adequada, carteiras para os alunos com boa aparência e bem preservadas, espaçosas e com material didático-pedagógico disposto.

O contexto das salas de aulas das escolas/campo, apresentam eventos com características muito parecidas, pontuados por acontecimentos que podem ser considerados, em alguns casos, incidentais e, de outra forma, marcantes e repetitivos, exigindo das professoras, não raro, acentuado desgaste de energia e tempo preciosos, que seriam melhor empregados em práticas exitosas.

Geralmente, os alunos demonstram inquietude, devido a não existência de livros e outros materiais suficientes para atender a todos. Outros alunos não se empenham na

realização das atividades desenvolvidas, o que acaba atrapalhando aos demais, notadamente, pelo barulho de conversas paralelas ou pela intervenção negativa sobre o trabalho do outro que se encontra envolvido. As atividades fora da sala de aula, em outros espaços como a biblioteca ou sala de leitura, mesmo exigindo mais tempo para organizar e deslocar os alunos, demonstram melhor resultado, talvez pela mudança de rotina.

As professoras demonstram controle adequado sobre os alunos, tanto na proposição de atividades, quanto no estabelecimento de diálogos efetivos com os alunos, muito embora, identificamos a falta de efetividade em situações que exigiam ação mais dura, bem como falta de cuidado na atenção e escuta de alunos com comportamento mais passivo em aula.

Percebemos que, de maneira predominante, as professoras elaboravam suas atividades deliberadamente, organizando o ambiente de forma adequada e estruturada, centradas em objetivos claros e atentando às necessidades dos alunos, suas dificuldades e sua expectativas.

As entrevistas foram realizadas com dois grupos de sujeitos: o primeiro grupo foi composto por cinco professoras que atuam em escolas públicas do município de Teresina. A escolha dos sujeitos desse primeiro grupo privilegiou pessoas que trabalhassem diretamente com essa literatura, o que nos conduziu a escolha de professoras de polivalência, embora algumas trabalhassem com disciplinas específicas na condição de suplência. Todas as entrevistadas desse grupo lecionam em escolas e em anos diferentes do Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano.

O segundo grupo de sujeitos entrevistados é formado por dois especialistas que trabalham, desenvolvem pesquisas, mantêm grupos de estudo sobre os quadrinhos e enfatizam seus usos dentro da sala de aula, procurando fazer uma articulação entre o universo dos quadrinhos e a educação, a saber, Sônia Luyten e Waldomiro Vergueiro.

A escolha dos entrevistados desse segundo grupo foi oportuna por serem autores de obras que usamos no referencial teórico da pesquisa, o que foi favorecido pela realização da XII Feira de Quadrinhos do Piauí, que ocorreu entre os dias 26 e 29 de julho de 2012, no Complexo Cultural Teatro 4 de Setembro, convidados para realizar palestras e oficinas específicas sobre o tema quadrinho e educação.

As entrevistas com Sônia Luyten e Waldomiro Vergueiro, além de compor nosso referencial teórico, serviram de embasamento para que fizéssemos as análises das concepções dos sujeitos da pesquisa, sendo utilizadas para a efetivação do diálogo entre as concepções dos sujeitos e as teorias que serviram de fio condutor ao referencial teórico do trabalho, sempre permeado pela observação participante.

As questões elaboradas se constituem e foram pensadas enquanto um roteiro, para melhor obtenção de êxito nas respostas que o estudo buscou obter, sendo que o tratamento dado aos dados coletados passou pela transcrição das entrevistas e posterior textualização (MEIHY, HOLANDA, 2007), até a construção do texto final, em que efetivamos um diálogo envolvendo as concepções coletadas com as práticas reais observadas e registradas, com as informações obtidas em nosso referencial, assim como com o *corpus* documental produzido por meio das entrevistas.

Análises e produção dos dados

Após definidas as escolas, mantidos os contatos necessários com a direção e efetivada a escolhas das professoras que seriam entrevistadas, seguimos para os encontros,

sendo condizentemente recebidos e prontamente atendidos na condução das entrevistas, realizadas no período de junho a agosto de 2012, no próprio ambiente escolar em que desenvolviam suas práticas docentes.

Foram abordados dois eixos centrais em torno do pensamento dos sujeitos pesquisados: a) a concepção de HQ e b) o objetivo que orienta o uso das HQ em sala de aula. Nossa intenção foi discutir desde questões mais gerais que emergem quando se aborda o uso desse gênero em sala de aula, passando pelo processo de planejamento das aulas e a previsão das estratégias de ensino que serão utilizadas, até a identificação de clareza, ou de sua ausência, sobre a consistência teórica e pedagógica do ensino com o emprego das HQ destinado a contribuir com aprendizagens mais criativas e significativas para os alunos envolvidos.

O primeiro eixo de análise foi organizado acerca da concepção de HQ que cada professora tinha, servindo principalmente como norte para as análises em torno do entendimento e do conceito que possuíam sobre esse gênero literário. A partir do roteiro de entrevista a pergunta efetivada foi a seguinte: *Gostaria que a senhora me falasse qual a sua concepção em relação às HQ ou Gostaria de saber qual a sua concepção, qual a ideia que a senhora tem em relação às HQ.*

Vejam como algumas professoras abordaram a questão do primeiro eixo:

*Leio, nas férias inclusive gosto muito de ler. Sempre procuro fazer com que a criança tenha prazer em ler, além do que vem no livro didático, porque sempre **as histórias em quadrinhos vêm nos gêneros textuais**, eu também trago de casa ou compro, os alunos também trazem de casa, então faço uma mesa só com gêneros textuais. Quando trabalho o gênero HQ os alunos vão à mesa, pegam as revistas e lêem, faço um momento de leitura informal, sem nenhuma cobrança, para depois fazer uma leitura interpretativa com eles. (Professora A)¹*

Na minha vida escolar foi fundamental, pois eu aprendi a ler através das histórias em quadrinhos, e eu sempre falo isso e incentivo meus filhos, minha filha tem oito anos, ela está tendo alguma dificuldade, aí eu mostrei pra ela que relançaram aquele almanaque da “Luluzinha e Bolinha”, aí eu disse pra ela que foi com essas historinhas que eu comecei a ler. Então saí da primeira série com sete anos, mudei de Teresina pro Rio Grande do Sul e lá tive contato com umas senhoras que me presenteavam com histórias em quadrinhos, e como aquilo era muito chamativo fiquei curiosa pra saber o que eles estavam falando. Aí com a ajuda de uma escola de lá e com o incentivo dos quadrinhos que eu pude despertar pra leitura. Não foram nem os livros didáticos ou os paradidáticos, foi com os quadrinhos que eu comecei a ler. (Professora B)

Eu acho que ajuda a desenvolver a linguagem da criança, e até por ser um texto com imagens, é muito mais atrativo para as crianças. [...] Gosto porque gosto das imagens e acho divertido. Leio quadrinhos a mais ou menos dez anos. Iniciei-me na leitura na escola mesmo, só tinha contato com esse gênero na escola. Depois de adulta é que eu comecei a comprar revistas com histórias em quadrinhos. (Professora E)

O que se pode perceber nas falas destacadas é a ausência acerca da compreensão do conceito e do real sentido das HQ, expressas na dificuldade que as professoras demonstram em definir tal gênero, inclusive, muito embora evidenciem a importância das

¹ Na intenção de preservar e resguardar a identidade das professoras entrevistadas utilizamos letras do alfabeto para suas identificações.

HQ e procurem deixar claro que possuem certa intimidade com estas, não demonstram ser as HQ uma de suas principais ferramentas na condução do ensino.

O que surge das análises são concepções pontuais e vagas, que vão desde a compreensão de se tratar de um gênero textual que contribui efetivamente no aprendizado da leitura, como a de algumas das entrevistadas que afirmam ter dominado a leitura por meio das HQ, passando pelo entendimento como algo colorido, com bastante imagens e que, por ser divertido, serve para chamar a atenção das crianças, até um conceito que aproxima as HQ a uma ferramenta pedagógica que ajuda as crianças no desenvolvimento da linguagem.

De acordo com Cirne (2000, p.23), HQ são uma narrativa gráfico-visual impulsionada por sucessivos cortes, que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas ou pintadas e que recebe a denominação de “corte gráfico” e será sempre um local de um corte espaço-temporal, a ser preenchido pelo imaginário do leitor.

Nas palavras de Sonia Luyten, em entrevista concedida especialmente para essa pesquisa, fica evidente questões fundamentais em torno do conceito/concepção das HQs. Primeiramente ela firma que “[...] Hoje há vários autores e pesquisadores sobre o assunto, e isso só soma ao nosso objetivo, que é a conscientização do professor sobre um grande aliado em sala de aula, que é o quadrinho”, destacando-se a centralidade que deve ser dada a esse gênero enquanto “aliado” do professor em sua prática pedagógica, reforçada quando a pesquisadora afirma que “[...] é uma ferramenta e um reforço, estou usando o quadrinho pra reforçar aquilo que o livro didático e o professor estão falando.”, e ainda “[...] o quadrinho não deve ser aquela coisa chata, é um elemento lúdico, continuará sendo esse elemento lúdico que irá auxiliar na aprendizagem de um conteúdo.” (Sonia Luyten, entrevista em 29/07/2012).

Concluindo suas reflexões acerca da concepção de HQ, Sonia Luyten destaca que “O quadrinho não é diversão, é um reforço. E o objetivo, qual é? É o ensino, o aprendizado, o feedback, é o reforço do aprendizados adquiridos pelo aluno nos livros didáticos.” (Sonia Luyten, entrevista em 29/07/2012).

Por outro lado Waldomiro Vergueiro, também entrevistado especialmente para a pesquisa, se posiciona defendendo que “[...] não costumo chamar o quadrinho de literatura, chamo de “forma narrativa”. Este conceito abre inúmeras possibilidades para que se entenda a natureza e a essência das HQ.

Neste sentido, a concepção sobre HQ não pode ser reduzida a somente um tipo de texto que pode, de forma lúdica e divertida, ser utilizado para chamar a atenção de crianças e jovens. Trata-se de uma arte seqüencial que expõe ordenadamente textos e imagens, narra histórias das mais variadas matizes, gêneros e estilos, dramatiza ideias. É, portanto, uma forma narrativa, mídia apropriada a qualquer temática, dentre as quais se destaca a possibilidade de se constituir em significativa ferramenta pedagógica para professores em suas práticas pedagógicas, porém ainda não compreendida fundamentalmente, nessa concepção, pelas professoras entrevistadas na pesquisa.

Em relação ao segundo eixo de análises, o objetivo que orienta o uso das HQ em sala de aula, ou seja, qual e como é orientado o uso das HQ pelas professoras pesquisadas, foram elaboradas as seguintes questões: *A senhora tem uma razão para utilizar essas revistas? Destaque uma forma comum sua de utilizar os quadrinhos em sua atividade docente, em sala de aula. Se e quando utiliza o quadrinho em sala de aula você usa o que está no livro ou traz revistas, gibis?*

Vejamos algumas abordagens das entrevistadas acerca das questões.

Utilizo a questão da história em si, início, meio e fim, às vezes faço uso da tirinha que trabalha com um tema específico, por exemplo, do meio ambiente, naquela tirinha eu faço perguntas interpretativas de modo que o aluno expresse sua opinião, o que ele leu, o que ele entendeu, e o que ele acha sobre o assunto abordado. [...] Coloco uma história que eles já conhecem, depois tiro as falas dos balões e peço pra eles criarem uma nova história na sequência que eles vêem, dentro do contexto. Sempre é assim: leitura do texto, interpretação oral, pra depois passar pra escrita, eu sempre exploro muito a questão oral. (Professora A)

Utilizo as HQ como texto, da mesma forma que um conto, um jornal, um cartaz... utilizo como outro texto qualquer. Como as HQ têm bastante desenhos, e embora meus alunos estejam no 3º ano, mas são poucos os que têm uma boa leitura, eu mostro o desenho pra eles, escondo os balões e mando eles imaginarem o que vai acontecer naquela história, aí eles vão desenvolvendo pra mim e depois vou fazendo a leitura. Eu gosto de fazer bastante dessa maneira. [...] Uso revistas, gibis, e o livro deles mesmo de Português vêm com bastante histórias em quadrinhos. [...] Tendo no livro, eu utilizo aquilo, mas só aquilo não, porque tenho outros materiais complementares, são as revistinhas que tenho no armário, na biblioteca tem bastante HQ que também utilizo, além do livro deles (Professora C)

O quadrinho é utilizado muitas vezes na apresentação de um conteúdo. Na disciplina de Matemática é um pouco difícil utilizar, mas o que se utiliza é apenas falas de alguns personagens. Agora em Português, quando eu trabalhava no ano passado tinha mais isso, trabalhar com quadrinhos e tudo, desenvolver questionamentos, trabalhar com conteúdos, entre outros. Já tiveram atividades onde o aluno foi orientado em fazer a sua própria história de vida em quadrinhos. Uma forma também é trabalhar com a leitura, o aluno tem mais facilidade de trabalhar com textos, de criar textos quando essa atividade está associada com alguma imagem, e principalmente também com alunos que não sabem ler, eles vão acompanhando aquela história através dos quadrinhos. (Professora D)

Como coordenadora pedagógica, eu oriento os professores a fazer o estudo do texto, fazer o estudo das características do texto, desenvolver o principal, que é o gosto da leitura pelas crianças, então é apresentado de forma muito natural pelos professores, eles começam pelo estudo da capa, o estudo dos personagens presentes na capa, daí assim começam pela leitura da história contida na revista. O que a gente faz utilizando os quadrinhos é objetivando desenvolver a oralidade, a leitura e a escrita das crianças, principalmente o gosto pela leitura, inclusive nos nossos projetos a gente insere, por exemplo, estamos com o projeto Folclore, e com o projeto do Dia dos Pais. Muitas das nossas produções textuais são em forma de quadrinhos, produzidas pelas crianças (Professora E)

Os testemunhos das professoras indicam que elas atentam para as recomendações previstas nos PCN (1998) do MEC, notadamente quando reforçam a necessidade de se enriquecer as práticas pedagógicas nas salas de aulas com o planejamento e execução de métodos alternativos de leitura, sendo as HQ sempre lembradas nesse sentido.

Percebe-se que, em um primeiro momento, as professoras enfatizam o uso das HQ para apresentar e/ou reforçar os conteúdos das disciplinas, em seguida para melhorar a oralidade e a leitura, além de desenvolver a capacidade de interpretação textual e a criatividade de seus alunos.

As falas das professoras a respeito do uso dos quadrinhos enquanto instrumento didático-pedagógico, denota aspectos interessantes e esclarecedores, inclusive na ênfase na descrição de atividades que se destinam a promover a capacidade de produção dos alunos, por meio da reelaboração criativa de HQ, nos levando a constatar um cenário propício à criatividade.

Esse entendimento está de acordo com o que defende Abrahão (APUD MOYA, 1977, p.147), quando afirma que as HQ se constituem em um significativo veículo de aprendizagem para as crianças, pela possibilidade de atingir suas finalidades instrutivas, ampliando o desenvolvimento dos processos mentais e o interesse pela leitura.

No entanto não se pode afirmar que as professoras demonstram clareza da dimensão de possibilidades do trabalho com HQ, visto que, além de utilizarem quase que exclusivamente o livro didático, restringindo o trabalho em sala de aula ao que vem proposto nestes manuais escolares, pode-se identificar, conforme chamamos a atenção anteriormente no corpo desse texto, uma certa ignorância e/ou desinformação em relação ao universo dos quadrinhos, explicitamente exposto quando demonstram conhecer somente os personagens massificados pela mídia televisiva e cinematográfica, tais são, por exemplo, os personagens da Disney e da Turma da Mônica.

Quando as professoras defendem a contribuição relevante das HQ para reforçar ou facilitar nos alunos a apreensão de determinado conteúdo específico não se vislumbra a intenção do uso desse gênero em busca do desenvolvimento, por exemplo, da criticidade, de contribuir na formação de leitores densos e que enxerguem na leitura uma ferramenta capaz de lhes ajudar a fazer leituras críticas do mundo, da vida e do uso da liberdade de pensamento.

Quem reforça esse entendimento é Waldomiro Vergueiro ao afirmar que:

As escolas tem que estar atentas para essa preocupação, de criar leitores críticos da realidade, pessoas que possam compreender a realidade, e não pessoas que não consigam compreender um texto escrito, uma propaganda na televisão, ou um outdoor nas ruas. Então são leitores mais flexíveis que temos que formar nas escolas. Eu não acredito que as escolas brasileiras estejam preparadas para isso, infelizmente nosso modelo é muito tradicionalista. (Waldomiro Vergueiro, entrevista em 27/07/2012, grifos nossos).

No entanto, algumas falas das professoras, destacadas a seguir, encaminham ao entendimento do predomínio de posturas de acomodação quanto à pesquisa, estudo e aprofundamento sobre as HQ, variando entre uma postura de aceitação do material oferecido pela administração municipal e acesso aos quadrinhos massificados pela mídia:

Nós trabalhamos com gêneros textuais, é exigido pela prefeitura (SEMEC), temos um planejamento e uma matriz curricular que aborda este e os outros gêneros textuais. As histórias em quadrinhos se encaixam no gênero da narrativa textual, e é contemplado pelo planejamento curricular da SEMEC. (Professora A).

[...] até mesmo pela conta do tempo, temos que ler muitos livros didáticos daqui, mas não cheguei nessa parte ainda. Nos livros didáticos vem mais quadrinhos do Mauricio de Sousa, não tive ainda acesso aos outros. [...] Assim, pelo corre-corre, a gente acaba muito se atendo a aquilo que a gente conhece, justamente estamos precisando de pessoas pra mostrar pra gente inovações, maneiras diferentes de trabalhar com outros

tipos de quadrinho, porque nós temos mais acesso aos quadrinhos que estão na mídia. (Professora B).

[...] eu já trouxe alguns pra eles, mas parece que eles não gostaram muito. O que chama mais atenção é aquele do SESI, o Sesinho, até mesmo tem várias revistinhas dele na escola, eu utilizo bastante. Mas o que eles mais gostam mesmo são o Sesinho e a Turma da Mônica, porém minha preferência é a Turma da Mônica. (Professora C).

Entendemos que, ao afirmar que existe uma exigência em torno da escolha do uso das HQ nas aulas, exigência essa efetivada pelo órgão que determina a forma e a direção com que os professores devem conduzir suas escolhas (SEMEC), ou mesmo porque estão previstos nos livros didáticos, fica evidente que estes não possuem, ou ao menos não demonstram possuir, a liberdade de escolha e/ou autonomia em adotar as HQ, nem tampouco demonstram possuir o hábito, o gosto e a proximidade com as HQ, sendo muito mais uma forma de se adequar, de se “amparar” em determinações superiores, do que uma opção planejada e nascida da própria visão do professor, de suas escolhas pessoais, amparado na certeza de se tratar de uma ferramenta de valor pedagógico.

Outro aspecto que se destaca, a partir da análise das falas das entrevistadas, diz respeito à acomodação que demonstram diante da realidade que lhes é possibilitada pela administração municipal, como situação talvez nem percebida pelas professoras, mas evidenciada em seus relatos, o que pode evidenciar, ainda, que o uso pedagógico das HQ, quando parte das opções das professoras, se efetiva de forma pontual, pouco crítica, sem uma identidade clara com estes gênero, sem demonstrar qualquer preocupação de proximidade com os estudos, pesquisas e os movimentos em torno do universo dos quadrinhos, tais como, feiras, lançamentos, encontros, bancas de revistas, participação em grupos, inserção nos blogs e sites, dentre outros.

Como forma de ampliar a leitura em torno dos objetivos que as professoras buscam atingir com o uso das HQ em suas práticas docentes, foi perguntado também se elas acreditavam na força e nas possibilidades das HQ enquanto ferramentas ou estratégias pedagógicas, com o propósito de melhor compreender as concepções que dispensavam aos quadrinhos no processo de ensino e aprendizagem escolar, sendo elaboradas as questões: *A senhora acredita que o quadrinho pode ser utilizado como uma ferramenta conscientizadora e útil ao professor em sala de aula?; A senhora acredita que uma abordagem específica sobre como trabalhar com HQ é necessária?*

As falas das professoras trazem ricas contribuições para se entender os objetivos propostos no trabalho pedagógico com as HQ. Vejamos algumas:

Não, geralmente quando aparece a oportunidade de conseguir um material, como, por exemplo, quando falei sobre o descobrimento do Brasil em quadrinhos, eu trouxe para meus alunos, e foi uma linguagem que eles entenderam, a visualização das imagens da chegada das naus, os índios ali, e esse material eu obtive via pesquisa, procurei e levei aos alunos, e inclui no planejamento, a análise de uma história em quadrinhos sobre o descobrimento do Brasil. (Professora B)

É tudo planejado, tem que haver direcionamento, o quadrinho é o que leva a criança a ver as figuras, acompanhar a história, atrair mais a atenção, e muitas vezes isso está relacionado ao conteúdo, ao se trabalhar com Português, há alguma palavra que você pode retirar dali, a conclusão da história, se ela tem algum fundamento ao seu assunto, entre outros. Sempre que uso o quadrinho, é com algum objetivo. Os alunos tem acesso a livros de histórias, e alguns desses livros tem quadrinhos. (Professora D)

As falas evidenciadas, reforçam o entendimento de que a compreensão das professoras entrevistadas, sobre o uso das HQ, ocorre com a clareza necessária e assentada em objetivos apropriados, assim como da intelecção acerca das possibilidades educativas das HQ.

No entanto, ao que tudo indica, podemos assim inferir, suas opções se configuram muito mais como uma orientação conduzida, imposta, do que uma real demonstração de clareza, de opção pedagógica comprometida com o olhar crítico sobre os conteúdos escolares em diálogo com a prática cotidiana dos estudantes.

O pensamento de Waldomiro Vergueiro evidencia que essa não é uma cultura característica em nossas escolas, se constituindo, por conta disso, em uma prática difícil de se tornar comum nos espaços escolares, visto que, quando perguntado sobre se [...] acredita que as escolas públicas de todos os níveis estejam preparadas para formar leitores de quadrinhos? Ou se há a formação de leitores por eles mesmos? afirma que:

Não acredito que nenhuma escola esteja preocupada em formar leitores de HQ, as escolas estão muito mais preocupadas na leitura da palavra escrita, do livro tradicional, como se o conhecimento só pudesse chegar por um caminho, uma via. Então acho que as escolas brasileiras precisam se abrir mais. Acredito que é um processo, não vai acontecer de uma hora para outra, para outras mídias, para a leitura do mundo de um modo geral, como diria Paulo Freire, para a leitura da televisão, do cinema, do teatro...(Waldomiro Vergueiro, entrevista em 27/07/2012).

Sônia Luyten e Waldomiro Vergueiro deixam pistas claras, contribuindo na ampliação das possibilidades na condução do trabalho pedagógico com HQ. Avançando em relação às concepções mais tradicionalistas sobre educação, defendem que as HQ podem produzir experiências significativas e fundamentalmente críticas, condutoras de práticas em que os alunos sejam sujeitos do processo educativo, que se envolvam e sejam entendidos por meio de suas culturas e valores, por se tratar de uma arte bastante familiar a eles, por meio da qual conseguem ter acesso a informações, conhecimentos e saberes que jamais teriam acesso em suas relações, por exemplo, com os conteúdos escolares.

Nesta direção, ao apresentar em uma mesma estrutura imagens e textos, as HQ se desvelam como instrumento fomentador das vozes de estudantes, favorecendo a comunicação de significados e a reconstrução de seus saberes, bem como tornando aprazível o nexo destes com o conhecimento.

As ideias de Sônia Luyten evidenciam alguns aspectos relacionados com os testemunhos das professoras entrevistadas, que indicam a natureza divergente e o pouco de aprofundamento dispensado às HQ enquanto ferramentas pedagógicas, ao chamar a atenção para que o uso das HQ não necessita exclusivamente ser atrelado à sua inserção nos livros didáticos escolares, cabendo o planejamento e a execução de projetos que, inclusive, superem o espaço escolar, podendo ser desenvolvidos além dos muros das escolas, exercitando a criatividade e a ousadia dos professores, além da capacidade de envolver conscientemente seus alunos, despertando nestes a capacidade de elaborar e reelaborar seu pensamento a partir de uma relação de conhecimento em que sejam capazes de ressignificar o mundo à sua volta.

Finalmente, porém deixando claro que existem ainda inesgotáveis aspectos que mereceriam destaque, mas que optamos por não enfatizar nessa pesquisa, destacamos a possibilidade de se trabalhar diversas dificuldades dos alunos, tais como a escrita, a partir

da condição de ter suas produções pessoais expostas a outros públicos, sem necessariamente recorrer a métodos tradicionalistas e mecanicistas de repetições exaustivas e intermináveis e que somente servem para tornar os alunos desestimulados e com certo descaso pela escola.

Em seguida destacamos as ideias de Waldomiro Vergueiro sobre experiências concretas acerca das possibilidades pedagógicas das HQ:

Tem a iniciativa do Programa Nacional Biblioteca na Escola, programa do Governo Federal, que desde 2006 distribui vários livros nas escolas, incluindo HQ, com mais de 300 títulos distribuídos nas escolas do Brasil inteiro. Existem programas nos estados, em São Paulo tem um programa que distribui HQ nas bibliotecas das escolas e outras cidades específicas; No Nordeste, Fortaleza incluiu HQ e também um livro de minha autoria para ser distribuído nas escolas do município; Porto Alegre, também; existem várias iniciativas nesse sentido, não propriamente de construir gibitecas, mas de distribuição de HQ nas escolas, e isto é um avanço. Mas não basta encaminhar os livros, se o professor não os sabe utilizar. Não basta encaminhar quadrinhos, se o professor não sabe como utilizá-los. É preciso dar ao professor o conhecimento necessário para ele estabelecer uma estratégia de uso das HQ, conhecer seus conteúdos e linguagens, autores e temáticas, ter um instrumento didático, uma metodologia apropriada para utilizar os quadrinhos nas disciplinas. É isso que deve complementar a distribuição das HQ nas escolas. (Waldomiro Vergueiro, entrevista em 27/07/2012)

Essa fala reforça as expectativas apontadas por Sônia Luyten, além de referenciar nossas ideias iniciais no projeto que culminou com essa pesquisa, que se trata de fornecer aos professores oportunidades concretas de ter acesso ao conhecimento necessário para que ele desenvolva, com criatividade e ousadia, estratégias para utilizar as HQ em suas aulas, conhecer seu conteúdo e linguagem, se aproximar das ideias dos principais autores e da forma como abordam as temáticas.

Considerações finais

Desde seu surgimento até os dias atuais, algumas vezes por seu teor infantil e cômico, ou mesmo pela forma subliminar que alguns quadrinistas escrevem suas histórias, as HQ foram subestimadas, desacreditadas e até mesmo vítimas do preconceito. Na atualidade, no entanto, este quadro se alterou. As HQ assumem papel central enquanto mídia e elemento da indústria do entretenimento, representando significativo percentual dos mercados editoriais em países como Japão e Estados Unidos, chegando a produção de títulos com tiragens mensais de mais de um milhão de cópias e se constituindo em vias para sucessos de bilheterias de diversos filmes, que trazem consigo uma série de produtos como brinquedos, jogos eletrônicos, roupas, calçados, papelarias, CDs, DVDs, desenhos animados, séries de televisão e uma gama de outros produtos.

Além disso, como nossa pesquisa revela, presenciamos a ampliação da crença em seu poder pedagógico e formador, por exemplo, alcançando a condição privilegiada de gênero literário valorizado nos currículos escolares e sendo objeto de estudos, debates e discussões acerca de seu potencial formador e das infinitas possibilidades de seu uso enquanto ferramenta didático-pedagógica por professores em suas práticas escolares.

No decorrer do trabalho de campo, nas imersões no cotidiano escolar, observamos como as professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, personagens da pesquisa,

usavam as HQ em seus planejamentos e suas aulas. Dentre as descobertas, foi crucial a de que estas não demonstram consciência do poder lúdico, cognitivo e da diversidade das HQ, porém, se limitando ao uso de autores ou títulos massificados pela mídia e, quando conhecem outros títulos, é por interesse e esforço pessoal, não pela oferta de formação aprofundada na área, o que acreditamos ser importante para se trabalhar de maneira satisfatória, não somente com o quadrinho, mas outras linguagens, como o cinema, a música e o teatro.

Os depoimentos de Sonia Luyten e Waldomiro Vergueiro, fundamentais enquanto fonte referencial, reforçam que, mesmo ainda utilizada de forma deturpada dentro das escolas, já existe a consciência de que a HQ é uma importante ferramenta didática, porém alguns professores temem utilizar esse recurso pelo medo de que possam tirar o gosto da criança em ler outros tipos de literatura. Isso indica a necessidade de haver cursos de formação específicos para trabalhar com HQ e outras linguagens, assim como da importância que eventos como a XII Feira HQ podem desempenhar na abertura de novos cenários sociais capazes de proporcionar interlocuções entre educação formal e o fazer rotineiro dos alunos.

Acreditamos que as HQ, quando utilizadas na escola, não produzem nenhuma consequência negativa ao desenvolvimento da mentalidade do aluno podendo se constituir, ao contrário, em excelente subsídio ao trabalho do educador. Com este e outros trabalhos acadêmico-científicos a respeito do universo das HQ, temos a convicção de que o uso dessa arte seqüencial de comunicação social, como instrumento didático-pedagógico, independente das áreas do conhecimento abordadas, poderá ser melhor aprofundado de forma a contribuir para a produção e disseminação do conhecimento, de forma geral, e do conhecimento escolar, de forma específica.

Finalmente, acreditamos que os achados da pesquisa podem ajudar na ampliação das questões que abrangem o campo da comunicação no desenvolvimento das atuais políticas culturais e científicas que, ao envolverem as HQ, poderão trazer contribuições relevantes na melhoria do processo de ensino e aprendizagem de crianças e jovens em nossas escolas públicas.

Referências

- BEAUD, Stéphane; WEBWR, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2010: Alfabetização Matemática e Matemática**. Brasília: MEC, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2010: Ciências**. Brasília: MEC, 2009.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Guia de livros didáticos: PNLD 2010: Letramento e Alfabetização/ língua portuguesa**. Brasília: MEC, 2009.

CALAZANS, Flávio Mário de Alcântara. **História em Quadrinhos na Escola**. São Paulo: Paulus, 2004.

_____. **As histórias em quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática**. São Paulo, INTERCOM/Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, GT Humor e Quadrinhos, 1997 (Coleção GTs INTERCOM, v. 7).

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé/Angra, 1982.

_____. **A linguagem dos quadrinhos: o universo estrutural de Ziraldo e Maurício de Sousa**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1975, 4. ed.

GUIMARÃES, Edgard (org.). **O que é História em Quadrinhos Brasileira**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

JONES, Gerard. **Homens do Amanhã: geeks, gângsteres e o nascimento dos gibis**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006

LUYTEN, Sonia M. Bibe (org.). **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Editora Paulinas, 1989, 3. ed.

_____. **O que é Histórias em Quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron Books, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOYA, Alvaro de. **SHAZAM!** São Paulo: Perspectiva, 1977. 3. ed. Coleção Debates.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: letra e Voz, 2010.

RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (orgs.). **Como usar as Histórias em Quadrinhos em sala de aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2004 (Coleção Como usar na sala de aula)

ROSA, Maria V. F. Pereira de Couto; ARNOLDI, Marlene A. G. Colombo. **A Entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SALEM, Rodrigo. **Resgate: a evolução dos quadrinhos sob a análise do historiador**. Diário de Pernambuco. Recife, mai. 1995, Caderno Viver p. 6.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. (orgs.). **Quadrinhos na Educação**. São Paulo: Contexto, 2013.

Fontes Orais

[1] Sonia Bibe Luyten, entrevista concedida, a Edimar Filho de Sousa Nunes, em 29 de julho de 2012.

[2] Waldomiro de Castro Santos Vergueiro, entrevista concedida, a Edimar Filho de Sousa Nunes, em 27 de julho de 2012.

Recebido: junho-15

Aprovado: outubro-15